



# **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão universitária: experiências nos cursos de licenciatura do Instituto Federal de Roraima**

**Cyntia Lopes do Rosário**  
cynti35jck@hotmail.com  
IFRR

**Klayton Oliveira de Araújo**  
klaytonaraujo@live.com  
IFRR

**Nataly Nunes Ferreira**  
naty-n71@yahoo.com.br  
IFRR

**Stephanie Caroline da Rocha Mesquita**  
tephamesquita@hotmail.com  
IFRR

**Raimunda Maria Rodrigues Santos**  
raimundarodrigues@ifrr.edu.br  
IFRR

**Resumo:** Este artigo tem como tema a indissociabilidade entre pesquisa-ensino-extensão na prática pedagógica de professores dos cursos de licenciatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). O objetivo deste estudo foi conhecer a visão desses professores sobre as ações de extensão como articuladora do ensino e da pesquisa. A pesquisa foi fundamentada em estudos bibliográficos e dados coletados em entrevistas semiestruturadas e analisadas segundo abordagem quali-quantitativa. Percebe-se que os entrevistados que possuem maior tempo de serviço e com formação stricto sensu possuem maior clareza sobre a importância da articulação entre ensino-pesquisa-extensão, entendendo a separação apenas como formalidade conceitual, reconhecendo a indissociabilidade dessa tríade, além de considerarem as ações de extensão como fomentadoras de benefícios para o ensino e a pesquisa, ou vice versa, nos cursos de formação de professores.

**Palavras Chave:** Indissociabilidade - Ensino Superior - Pesquisa - Ensino - Extensão

## 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a extensão universitária é um instrumento essencial para o momento atual das universidades brasileiras. Por meio dela, os acadêmicos aproximam-se da sociedade e têm a oportunidade de vivenciar a aplicação de conhecimentos de sua futura profissão, podendo, assim, identificar aspectos que precisam ser aperfeiçoados para ampliar sua competência profissional.

A extensão “extrapola o conhecimento adquirido e sua aplicação imediata, e estimula a atitude investigativa e questionadora” (NASCIMENTO, 2013, p. 42), permitindo que as reflexões oriundas dessa prática transformem-se em projetos de pesquisa e problemáticas para serem discutidas em sala de aula. Por essa perspectiva, propõe-se nesse estudo analisar a extensão universitária como articuladora do ensino e da pesquisa, voltando-se para a realidade dos cursos de Licenciatura do Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia de Roraima Campus Boa Vista.

Criado a partir da publicação da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR constitui-se uma autarquia de base educacional humanística, científica, especializada em ofertar educação superior, básica e profissional, propondo-se articular e integrar à formação acadêmica a preparação para o trabalho, bem como, promover uma formação contextualizada, permeada por conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos mais dignos de vida (IFRR/PDI, 2009, p.7).

Possui estrutura pluricurricular e multicampi, abrangendo os seguintes *campi*: Boa Vista, Amajari e Novo Paraíso, totalizando, aproximadamente, matrícula de 3.500 discentes. Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, define como missão “desenvolver de forma articulada os processos de educação, pesquisa aplicada, inovação tecnológica e extensão, valorizando o ser humano, considerando a sua territorialidade e contribuindo para o desenvolvimento sustentável do país” (IFRR/PDI, 2009, p.7).

Para cumprir com sua missão, possui em sua estrutura organizacional pró-reitorias que têm a responsabilidade de acompanhar a execução das políticas de suas competências nas diretorias/coordenações de cada *campi*, guiadas pela visão de futuro do IFRR:

Permanecer em constante evolução enquanto instituição de formação profissional e referência para as áreas de educação, pesquisa, extensão e inovação tecnológica, oferecendo serviços com qualidade, a partir de uma gestão moderna, participativa e dinâmica, sintonizada com o mundo do trabalho, com os arranjos produtivos, sociais, culturais locais e as políticas ambientais, valorizando o ser humano em todas as suas potencialidades e considerando as diversidades. (IFRR/PDI, 2009, p.7)

Considerando que as pró-reitorias do IFRR oferecem diferentes programas para fomento de ações de ensino, pesquisa e extensão; sabendo que o IFRR propõe-se a contribuir com a formação de professores da educação básica, cumprindo o disposto no Plano Nacional de Educação: “qualificar os docentes [...] da educação superior que atuam em instituições públicas e privadas, para que se atinjam as metas previstas na LDB [...]”; pressupondo que o IFRR cria condições para a que a indissociabilidade se cristalice como princípio orientador do fazer universitário, surgiu o interesse em realizar um estudo a respeito do princípio de indissociabilidade do ensino à pesquisa e à extensão, com o objetivo de compreender como os professores dos cursos de licenciatura promovem a articulação das atividades do ensino superior, de modo a concretizar tal princípio.

Nesse ponto, cabe mencionar que somente o Campus Boa Vista oferece ensino superior nas áreas de tecnologia (Turismo, Gestão Hospitalar, Análise de Sistemas e

Saneamento Básico) e licenciatura (Letras – Espanhol e Literatura Hispânica, Matemática, Biologia e Educação Física).

Pelo exposto, apresenta-se neste estudo a visão de professores de cursos superiores do Campus Boa Vista sobre a Extensão Universitária como ação articuladora do Ensino e da Pesquisa, reconhecendo em suas experiências a importância da interligação dessa tríade na formação de professores.

## 2. INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO

O termo indissociabilidade remete à ideia da interligação existente entre o Ensino-Pesquisa- Extensão, refletindo “um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a auto- reflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico” (ANDES, 2003, p.30).

A história da universidade no Brasil revela que a indissociabilidade dessas atividades constitui-se tema de destaque desde a década de 1960, com a organização dos movimentos estudantis, passando pela reorganização dos movimentos sociais dos anos de 1970, consolidando-se como proposta na reforma da educação e parte do processo de redemocratização do país, nos anos de 1980. Nessa última década, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão tornou-se bandeira de lutado movimento docente do ensino superior, com apoio de estudantes e de setores progressistas da sociedade civil organizada, associando-se ao discurso em defesa da liberdade acadêmica e de autogestão (MACIEL, 2010, p. 112).

O resultado dessa luta foi a inclusão da indissociabilidade no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, com os seguintes termos: “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.”

Ao determinar que as universidade “obedecerão ao princípio de indissociabilidade”, a CF/88 imprime ao fazer universitário uma concepção que exclui as relações duais entre as três funções. Sobre os riscos do não cumprimento do disposto, Moita e Andrade (2009, p. 269) assim explicam os efeitos da fragmentação:

[...] a articulação entre o ensino e a extensão aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, ganha-se terreno em frentes como a tecnologia, por exemplo, mas se incorre no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade). Enfim, quando a (com frequência esquecida) articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade.

Pensar o fazer universitário a partir desse prisma, implica o reconhecimento de que a formação do professor deve ocorrer “articulada à vivência do real, imersa na própria realidade, fundada em uma relação dialética entre teoria e prática” (DIAS, 2009, p. 42). Por outra perspectiva, deve-se reconhecer a necessidade de os professores estarem capacitados para assumirem uma nova pedagogia: aquela que permita ser efetiva a tridimensionalidade do fazer universitário. De acordo com as orientações constantes no Plano Nacional de Graduação essa nova pedagogia traz em seu bojo o conceito de indissociabilidade o qual, se considerado considerado como eixo na formação do graduado, evita o reducionismo de antigas práticas.

Dessa forma, é inegável que a indissociabilidade constitui-se princípio orientador da qualidade da produção universitária, “um catalisador do conhecimento “pluriversitário” (MOITA; ANDRADE, 2009, p. 272), que favorece o diálogo entre universidade e a

sociedade e permite a substituição da unilateralidade pela interatividade do conhecimento (SANTOS, 2004).

Esse princípio encontra-se descrito na Política Nacional de Extensão Universitária ao definir a extensão universitária como um “processo que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (FORPROEX, 2012, p.5).

Nesse sentido, a extensão universitária, por meio da intervenção social, além de promover benefícios à comunidade receptora, trazendo mudanças à vida das pessoas, diminuindo a distância entre a universidade e a comunidade, deve proporcionar aos estudantes a oportunidade de incluírem em sua formação do profissional a vivência de atitude cidadã, cujos conhecimentos tornam-se significativos à medida que contribuem para a superação das desigualdades sociais existentes (FORPROEX, 2009).

Para reforçar, a LDB no artigo 43, inciso VII, estabelece como uma das finalidades da educação superior “promover a extensão, aberta à participação população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”. Para que essa capacidade da extensão de ser a articuladora das outras funções da universidade, é mister que os professores sejam afeitos à investigação.

Entende-se, dessa forma, que a pesquisa é o primeiro passo para a realização de qualquer ação interventora, pois através dela consegue-se problematizar a realidade, definir conceitos, metodologias e recursos necessários para o alcance dos objetivos e metas estabelecidos.

Para Ander-Egg (*apud* LAKATOS e MARCONI, 2010, p.139), a pesquisa constitui-se “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer canto do conhecimento”.

É consenso entre os autores pesquisados que as metodologias participativas, que priorizam métodos de análises inovadoras, como a pesquisa-ação, além de garantirem a aproximação, possibilitam o diálogo dos acadêmicos com os demais atores sociais, da mesma forma favorecem a coleta de dados empíricos para análise qualitativa (FORPROEX, 2012).

Pelo que vai dito, a extensão relacionada com a pesquisa, permite ao acadêmico diagnosticar um leque de questões para as quais poderá buscar soluções no retorno à sala de aula. As discussões teóricas empreendidas pelo ensino darão o aporte necessário à formação de conhecimentos, assumindo a perspectiva de ensino com “um novo diálogo interdisciplinar, uma organização curricular que acolha, ao eixo científico básico que informa a área de conhecimento relacionada à atuação profissional, a contribuição de ciências conexas” (FORGRAD, 1999).

Seguindo essa mesma perspectiva, a Política Nacional de Extensão Universitária (2009, p. 18) redefine a sala de aula que passa a englobar diferentes espaços:

[...] dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas. O eixo pedagógico clássico ‘estudante - professor’ é substituído pelo eixo ‘estudante – professor - comunidade’.

Esse olhar sobre a sala de aula permite que se compreenda a indissociabilidade como princípio capaz de fazer o estudante tornar-se o principal sujeito de sua formação profissional, adquirindo a competência de executar sua formação técnica e sua formação como cidadão, ou seja, sendo consciente do seus direitos e deveres na construção da sociedade (FORPROEX, 2012). Além disso, nesse processo o conhecimento transforma-se em ação, exige do

acadêmico postura de pesquisador, mobilizando sua criticidade e, por meio da reflexão, será capaz de empreender uma nova intervenção social, iniciando um novo ciclo de aprendizagem.

Em síntese, e apropriando-nos das palavras de Moita e Andrade (2009, p. 272), “não há pesquisa nem extensão universitária que não desemboquem no ensino.” E para que haja a indissociabilidade nas atividades desenvolvidas na graduação, é importante que, independente da origem da ação, os resultados visem sempre ao desenvolvimento da tridimensionalidade do fazer universitário.

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS**

De acordo com a abordagem, neste artigo seguiram-se as recomendações da pesquisa qualitativa; quanto aos objetivos, da pesquisa exploratória; quanto aos procedimentos, da pesquisa bibliográfica.

A pesquisa exploratória caracteriza-se por “facilitar a delimitação do tema a ser pesquisado, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir uma nova possibilidade de enfoque para o assunto” (PRESTES, 2007, p.26), podendo, por isso, ser realizada na fase preliminar, antes do planejamento do trabalho.

No caso deste estudo, a pesquisa exploratória foi amparada pelos preceitos da pesquisa bibliográfica, considerada por Gil (2001) como indispensável em qualquer investigação científica, pois, segundo esse autor por meio das leituras, seleção de material, fichamentos e resenhas de artigos, livros, doutrinas e/ou outras fontes, pode-se estabelecer uma aproximação com o objeto de estudo. Além disso, permite ao pesquisador “rever, reanalisar, interpretar e criticar considerações teóricas ou paradigmas ou ainda criar novas proposições na tentativa de explicar a compreensão de fenômenos relativos às mais diversas áreas do conhecimento” (PRESTES, 2007, p. 26).

Em relação ao uso da abordagem qualitativa, a escolha desse método deveu-se ao fato desse tipo de abordagem responder a questões muito particulares. Nas palavras de Minayo (2001, p. 21-22):

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Neste estudo, apresenta-se a visão de docentes dos cursos de licenciatura do IFRR a respeito das contribuições das atividades extensionistas por eles propostas para a formação de professores críticos, cientes dos problemas da comunidade escolar em que irá atuar e capaz de propor projetos de intervenção, pautado no princípio da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, buscou-se conhecer a importância atribuída à extensão como articuladora do ensino e da pesquisa pelos agentes delimitados.

Como instrumento de pesquisa, realizaram-se entrevistas do tipo semi-estruturada, que segundo Appolinário (2006, p. 134) “é aquela em que há um roteiro previamente estabelecido, mas também há um espaço para a elucidação de elementos que surgem de forma imprevista ou informações espontâneas dadas pelo entrevistado”.

A amostragem prevista era de dois professores de cada curso de licenciatura (Letras, Matemática, Biologia e Educação Física). No entanto, um dos professores negou-se a gravar a entrevista, solicitou responder por escrito, mas como se tratava de um roteiro, as informações necessitariam ser complementadas e não houve disponibilidade daquele para isso. Assim, os resultados a seguir foram obtidos com sete professores, cujos nomes foram substituídos por letras.

Ressalta-se que, devido a natureza dos Institutos Federais, esses docentes, além de atuarem na formação de professores da Educação Básica, ministram aulas em diferentes cursos, níveis e modalidades de ensino, incluindo os programas de incentivo à docência mantidos pelo Governo Federal.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estrutura organizacional do IFRR é composta pela Reitoria e cinco Pró-reitorias (Ensino; Extensão; Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica; Desenvolvimento Institucional, Planejamento) que respondem executivamente por esse Instituto.

Sua organização pedagógica é verticalizada, “possibilitando o delineamento de trajetórias de formação que podem ir do curso técnico ao doutorado” (PACHECO, 2011, p. 14). Nesse sentido, as políticas de ensino, pesquisa e extensão são propostas com o intuito de abarcar todos os níveis e modalidades de ensino ali ofertados, cabendo às Pró-reitorias, dentre outras atribuições, planejar políticas nas áreas sob sua responsabilidade, assessorar os *campi* na execução das ações definidas no Plano Anual de Trabalho, além de reunir informações para elaboração de relatórios periódicos.

Para executar tais ações, a estrutura organizacional do Campus Boa Vista prevê Diretorias e Coordenações, busando delinear seus trabalhos em consonância com o planejamento da pró-reitoria correspondente.

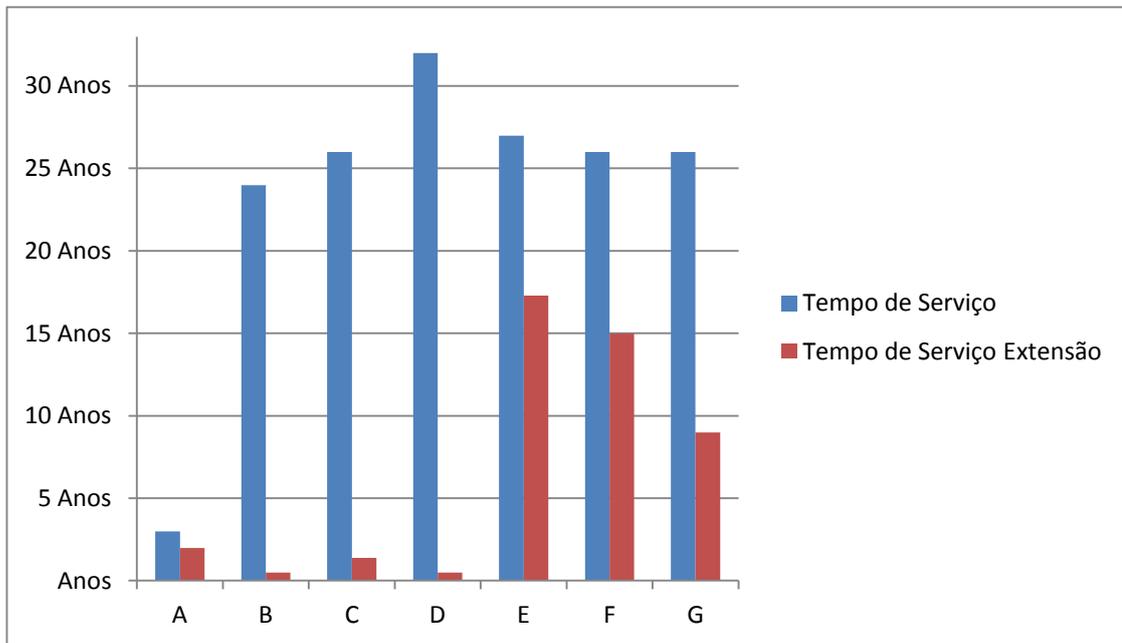
Neste estudo, tem-se o interesse em conhecer a indissociabilidade entre as atividades universitárias, a partir das ações de extensão. Por isso, em um primeiro momento, buscou-se conhecer o trabalho da Diretoria de Extensão, Programas Especiais e Ação Inclusiva (DIREX), uma vez que as políticas públicas são apreendidas de diferentes maneiras pelas instituições federais.

De acordo com essa diretoria, até junho de 2013, foram registrados na Coordenação de Programas de Extensão 50 projetos, com atividades direcionadas a crianças, jovens e adultos, em diferentes modalidades de ação e áreas. Além desses projetos, há aqueles que surgem a partir do ensino e da pesquisa que não são contabilizados como atividades de extensão.

Inicialmente buscamos conhecer a formação dos entrevistados, sendo seis com graduação em curso de licenciatura e um pedagogo; seis mestres e um mestrando.

Abaixo apresenta-se o Gráfico 1 referente ao tempo de serviços dos entrevistados e tempo de atuação com trabalhos na extensão. Os dados revelam que, com exceção do entrevistado A, há uma distância de no mínimo dez anos separando o ensino e a pesquisa da extensão. Considerando-se que esses mesmos professores ingressaram no magistério dedicando-se apenas à Educação Básica, que possuem acima de vinte anos de docência, entende-se essa disparidade. Além disso, os mestres adquiriram essa titularidade concomitantemente ao exercício da docência. Assim, a experiência dos entrevistados com a extensão universitária iniciou-se a partir de sua atuação no ensino superior,

A leitura do gráfico revela, ainda, que três dos professores com tempo de serviço superior a cinco anos, passaram a investir em ações de extensão há menos de dois anos, justamente em um período em que o IFRR passou a fomentar programas de incentivo à participação dos alunos.



**Gráfico 1:** Relação Tempo de serviço e Tempo dedicado à ações de extensão

Sabendo do nível de formação, tempo de serviço e de trabalhos voltados para a extensão universitária, foi-lhes perguntados a respeito de sua concepção sobre extensão, reunidas na tabela 1.

**Tabela 1 –** Concepção de extensão universitária para os entrevistados

Entrevistados	Respostas
Professor A	“cursos que beneficiem a sociedade”
Professor B	“atividades de ensino, extensão e pesquisa que são realizadas fora do ambiente do IFRR.”
Professor C	“tipo de projeto que abrange não só a parte interna do Instituto, mas também a externa, ou seja, que possa atingir também o aluno fora do Instituto.”
Professor D	“a extensão é um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa, de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a sociedade e a universidade.”
Professor E	“poder levar o que você faz no Instituto para mostrar fora, é como se você estivesse vendendo o produto do Instituto, é mostrar para a comunidade o que você está realizando dentro da Instituição [...] a finalidade é oferecer um bom serviço à comunidade.”
Professor F	“processo de inserção na comunidade, integrado ao ensino e à pesquisa a partir de uma imersão e contribuição ao espaço/instituição em que se desenvolve.”
Professor G	“são todos os cursos que abrangem além dos portões da instituição.”

Considerando-se as respostas descontextualizadas, pode-se reunir as acepções dos professores em duas categorias, conforme classificação de Jenize (2004): concepção assistencialista e concepção acadêmica.

Como concepção assistencialista, interpretaram-se as falas dos professores A, B, C, E e G, haja vista não mencionarem a articulação com o ensino e a pesquisa, denotando o entendimento de que para ser considerada extensão basta que a ação ocorra para “além dos muros da universidade”, somando-se à preocupação de transmitir conhecimentos por meio de cursos e prestação de serviços (NOGUEIRA, 2001). Cabe esclarecer que embora a fala do professor B faça referência ao ensino e à pesquisa, não se evidencia a finalidade de cada atividade, determinando o caráter extensionista à realização da ação “fora do ambiente do Instituto”, podendo, por isso, ser interpretada com uma aproximação maior com a primeira concepção.

As falas dos professores D e F, ao contrário, apontam a articulação entre ensino, pesquisa e extensão como princípio balizador da formação acadêmica. A prática extensionista aparece como canal para o diálogo entre universidade e sociedade. Destacam-se os sentidos atribuídos à extensão ao considerá-la como “processo [...] integrado ao ensino e à pesquisa [...]” e “[...] que articula o ensino e a pesquisa, de forma indissociável [...]”, enquadrando-se, dessa forma, na concepção acadêmica.

Com o objetivo de confirmar ou refutar essa compreensão inicial, solicitou-se aos professores que explicassem suas concepções com exemplos de ações por eles coordenadas.

O Professor “A” explicou que as ações extensionistas por ele executadas seguem a mesma linha de suas pesquisas - “Déficit na aprendizagem de Matemática” - e direcionam-se ao atendimento de alunos do Ensino Fundamental. Para exemplificar, citou sua experiência em um projeto que visa ao “fortalecimento de conceitos matemáticos”, coordenado por ele e executado por cinco acadêmicos/bolsistas do Curso de Licenciatura em Matemática. Os extensionistas ensinam noções básicas de matemática em escolas públicas de Boa Vista, com o objetivo de propiciar aos alunos do 6º ao 9º ano a oportunidade de superarem as lacunas de conteúdos da referida área de conhecimento, de acordo com a etapa em que se encontram. Durante a execução do projeto são aplicadas “provas”, como o intuito de aferir a aprendizagem dos alunos beneficiados.

Apesar de afirmar que *“a ideia do projeto, desde o início, é desenvolver uma cartilha, [...] um livro, com esses assuntos que escolhemos”*, o professor revela que ainda não associou sua ação aos parâmetros da pesquisa, inteligendo-a somente ao ensino, como vivência para seus alunos da licenciatura *“perceberem que a matemática não é somente fórmula e números.*

As ações coordenadas pelo Professor B inserem-se na área de Educação Ambiental. É desenvolvido por acadêmicos do Curso de Licenciatura de Biologia com a *“realização de minicursos, oficinas, palestras e aulas de campo com temas voltados à conservação e preservação ambiental”*, em uma escola de Ensino Fundamental da rede estadual, localizada na cidade de Boa Vista.

O Professor C coordena uma ação que envolve *“dois grupos de alunos. Um possui dois alunos do módulo 2 e outro com uma aluna do módulo 4 do Curso de Matemática [...]”. A aluna do 4º módulo dá um atendimento aos alunos do curso superior. A gente verifica o conteúdo com o professor da disciplina, qual a deficiência. O professor encaminha aqueles alunos que estão com uma maior deficiência e ele faz uma listagem de conteúdos, e esses conteúdos são revistos em sala de aula pelos alunos-professores, como se fosse um reforço.”*

A relação com o ensino é justificada pela oportunidade dos acadêmicos perceberem a necessidade de ampliarem seus conhecimentos para poderem dar aulas de Matemática, relacionando a ação à máxima de que *“a melhor forma de aprender é ensinar”*. Para os alunos dos outros cursos, a participação tem-lhes beneficiado com a superação de suas dificuldades na aprendizagem de matemática. Sobre a articulação com a pesquisa, o professor mencionou que a intenção é publicar um artigo sobre a experiência.

O trabalho da Professora E encontra-se direcionado à comunidade em geral e tem como foco o Ensino de Língua Espanhola. A proposta é pautada em princípios do Enfoque Comunicativo. Um dos projetos coordenados por essa professora pretende ensinar essa língua estrangeira a partir de músicas. Nas palavras do entrevistado: *“o aluno vai receber todos os inputs, que são os dados de entrada, através das músicas, em vez de ser através de diálogos, os dados de entrada, para os alunos de extensão, vão ser com música. A partir daí serão trabalhados diálogos, gramática, etc.”*

Segundo a Professora E, os extensionistas sob sua coordenação, para proporem um projeto de extensão, devem partir de uma pergunta de investigação. Antes de executarem os cursos, reúnem-se para discutir metodologia de ensino, didática, seleção de material que será trabalhado, dentre outras atividades inerentes ao planejamento do ensino. Durante a ação, anotam suas observações sobre o desempenho dos cursistas, validade da metodologia de ensino, análise do material, dentre outros aspectos que contribuirão para se elaborar Trabalho de Conclusão de Curso, artigos e/ou outras produções acadêmicas e científicas.

O Professor G coordena projetos na área de Treinamento Desportivo, envolvendo alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física. Para esse professor, a extensão propicia aos acadêmicos a oportunidade de vivenciarem a prática de sua futura profissão. Declarou que todos os projetos de extensão sob sua orientação resultaram em artigos científicos, pois *“a finalidade desses projetos, assim como projetos de ensino, é trazer benefícios também para a pesquisa”*.

Até esse ponto, apresentaram-se as experiências dos professores cujas concepções de extensão foram anteriormente denominadas como assistencialistas. Percebe-se que, mesmo aqueles projetos em que a *“relação universidade e sociedade tende a ser unívoca, girando em torno do ‘atendimento de necessidades sociais emergentes’”* (JEZINE, 2004), na prática essa concepção tende a ser substituída por uma nova prática em que a indissociabilidade da extensão, ensino e pesquisa *“passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica”* (IDEM).

Essa forma de conceber a formação de professores perpassa a prática pedagógica dos professores D e F, conforme se apresenta a seguir.

As ações extensionistas coordenadas pelo Professor D inserem-se na linha de Meio Ambiente e Sustentabilidade. De acordo com suas declarações, em todos os projetos evidencia-se a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, devido ao *“caráter científico”*, explicando que *“fundamentam-se na investigação de ações que possibilitem a discussão dos resíduos produzidos pelos moradores do bairro Conjunto Cidadão”,* localizado na zona Oeste da cidade de Boa Vista. Segundo o Professor, *“diante da agressão que sofre o ambiente, é necessário criar ações que amenizem a destruição e a poluição do ambiente ocupado pela população”*.

Percebe-se que a preocupação desse professor é que a experiência envolva a Instituição, seus alunos e a sociedade, além da presença dos propósitos do ensino e da pesquisa nas ações extensionistas.

Em relação à Professora F, dentre as ações por ela coordenadas, encontra-se o Espanhol para niños: *“ação de LE para o Ensino Fundamental 1º ao 5º ano, desenvolvido no município do Cantá/RR, uma ação inovadora e de inserção social a partir da interiorização do IFRR/CBV”*. Para articular a extensão ao ensino, a professora reúne os acadêmicos para realização de estudos em que se faz o *“resgate de reflexões e discussões advindas da prática pedagógica e do ensino de ELE, tais como: planejamento, metodologia, acompanhamento avaliativo, elaboração de material didático”*.



Quando questionada sobre a produção de pesquisas, a professora explicou que as ações são utilizadas na elaboração de “*artigos, relato de experiências e, como fator motivacional, a participação em eventos nacionais e/ou internacionais*”.

Os Professores D e F revelam conhecer a importância de ações extensionistas integradas com o ensino e a pesquisa, contribuindo para a formação de professores-pesquisadores reflexivos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores dos cursos de licenciatura do IFRR adotam as premissas básicas do ensino superior executando atividades de ensino, pesquisa e extensão. No entanto, existe uma lacuna entre a visão de alguns desses professores sobre o que consideram extensão, adotando conceitos ligados à concepção assistencialista, e a prática, ligada à concepção acadêmica.

Outro aspecto que chama a atenção é a denominação dada à atividade de extensão. Com exceção da Professora F, os demais entrevistados inserem as ações de extensão na categoria projeto, sendo que, no decorrer da descrição, são enumeradas outras categorias, como cursos e prestação de serviços.

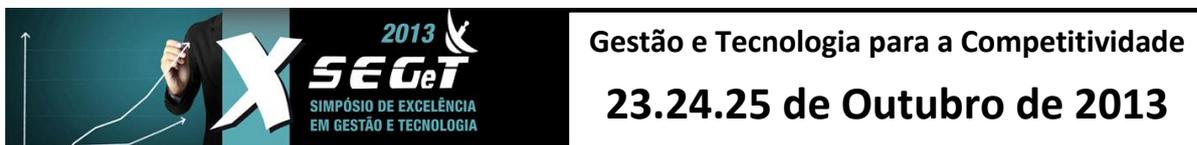
É mister, pois, que ocorram estudos sobre as concepções de extensão e seus desdobramentos para a educação superior, a fim de se delinear as feições dessa atividade na instituição, criando vínculos com a identidade organizacional.

Em relação ao problema da pesquisa, as iniciativas para associar à extensão à pesquisa são ínfimas. A integração entre extensão e ensino, ao contrário, é uma constante quando a atividade fim é a primeira. Infere-se, pois, que, por mais que esse tripé seja organizado por departamentos dentro da Instituição, os professores que seguem tendências pedagógicas inovadoras, não tecnicistas, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão se faz presente em suas práticas e independe da origem ou finalidade da ação.

Portanto, ações de extensão-pesquisa-ensino, são alicerces fundamentais para o desenvolvimento institucional, pois todas oportunizam à comunidade acadêmica a ampliação e aprimoramento de seus conhecimentos, além de promover benefícios à sociedade.

## 6. REFERÊNCIAS

1. ANDES-SN para a Universidade Brasileira. n.º 2, 3ª ed. atual. e rev. Brasília/DF, 2003. Disponível em: <[http://www.adurrj.org.br/4poli/documentos/caderno2\\_andes.pdf](http://www.adurrj.org.br/4poli/documentos/caderno2_andes.pdf)>. Acesso em: 27 jun 2013.
2. ANDREA DA SILVA, Mariana. **Concepções de Extensão Universitária: o UFBA em campo**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2011.
3. APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Thomson, 2006.
4. DELGADO, A. A. S. **Compartilhamento de conhecimento: estudo em grupo de extensão universitária**. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2011.
5. DIAS, Ana Maria Iori. Discutindo Caminhos Para a Indissociabilidade Entre Ensino, Pesquisa e Extensão. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, vol. 1, n. 1, p.37-52, Agosto/2009. Disponível em: <<http://www.facec.edu.br/seer/index.php/docenciaepesquisaeducacaofisica/article/viewFile/82/139>>. Acesso em: 27 jun. 2013.
6. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão**. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006. Disponível em: <[http://www.unifalmg.edu.br/extensao/files/file/colecao\\_extensao\\_univeristaria/colecao\\_extensao\\_universitaria\\_4\\_indissociabilidade.pdf](http://www.unifalmg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_univeristaria/colecao_extensao_universitaria_4_indissociabilidade.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2013.



7. \_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001.
8. \_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Extensão Universitária**: 2012. Disponível em: < <http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2012/legislacao/Politica%20Nacional%20de%20Extensao%20Universitaria%20maio2012.pdf>> Acesso em: 27 jun 2013.
9. FORUM DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO ... **Plano Nacional de Graduação**: um projeto em construção. [Rio de Janeiro], 1999.
10. GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2001.
11. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DE RORAIMA... **Plano de Desenvolvimento Institucional**, 2009. Disponível em: < [pdi\\_ifrr\\_2009\\_completo\\_26\\_junior.pdf](http://pdi_ifrr_2009_completo_26_junior.pdf)> - Acesso em: 24 jun 2013.
12. JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/as-praticas-curriculares/as-praticas-curriculares.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2013.
13. MACIEL, Alderlandia da. **O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**: um balanço do período 1988 – 2008. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba – SP, 2010.
14. MOITA, F. M. G da S. C; NADRADE, F. C. B de. **Ensino-pesquisa-extensão**: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação.
15. MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
16. NASCIMENTO, Ives Romero Tavares do. A indissociabilidade entre pesquisa e extensão na universidade: o caso da ITES/UFBA. **Revista NAU Social**, v.3, n.5, p. 41- 46, Nov 2012/Abr 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/rs/article/viewFile/244/193>> Acesso em: 1 jul 2013.
17. NOGUEIRA, M. das D. P. Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: FARIA, D. S. (Org.) **Construção conceitual da Extensão na América Latina**. Brasília: Ed. UnB, 2001. p.57-84.
18. PACHECO, Eliezer (org.). **Institutos Federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. São Paulo: Moderna, 2011.
19. PRESTE, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a constituição do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. 3 ed. – São Paulo: Rêspel, 2007.
20. SILVA, Ayodele Floriana. **O enfoque da promoção da saúde nos projetos de extensão universitária na área de saúde**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2011.